

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1896 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1974, aos 78 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1928, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado estadual do Ceará (1932/1939), deputado federal pelo Ceará (1939/1974) e presidente do Conselho de 1929 até a morte. No período que vivia no Rio de Janeiro, trabalhou em algumas instituições, na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ensino Artístico. Em Recife, em 1928, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, além de publicar os seguintes livros traduzidos: *Ode ao Brasil* (1937) e *Brasil* (1938), ambos com José de Alencar. Também escreveu o livro *Brasil, o Brasil* (1938).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tive muito prazer em colaborar com o trabalho de edição desta antologia. Após alguns estudos, pude concluir que quando foi eleito presidente do estado, surgiu a ideia de uma antologia poética. Com a ajuda de Leonardo Melo, amigo, e de Zé, amigo também, reuni os poetas acadêmicos, ocasião em que o meu nome também foi mencionado na Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO AÇAPAPÉ

LEONARDO MELO

1938-1939

Vence a Paz e o Direito,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Francisco
Recupera novo Brasil,
Trança a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a terra e todo um céu,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Pátria é Glória condiz.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna dos pássaros.

BATISTA DE LIMA

José Batista de Lima nasceu em Lavras da Mangabeira, Ceará, no dia 17 de maio de 1949. É graduado em Letras e Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e possui mestrado em Literatura pela UFC. Na vida profissional dedicou-se ao magistério como professor de Português em várias instituições de ensino da cidade, entre elas, o Educandário Casimiro de Abreu, os colégios Brasil, General Osório, Militar de Fortaleza e UECE. Atualmente leciona na Universidade de Fortaleza-UNIFOR, onde exerceu a chefia do Departamento de Letras e a direção do Centro de Ciências Humanas, e na UECE.

Poeta, contista e ensaísta, tendo iniciado sua vida literária no Clube dos Poetas Cearenses. Participou de vários grupos literários, entre os quais o Grupo Siriará de Literatura. Principais obras: *Miranças*, 1977; *Os vivos da Serra Negra*, 1981; *Engenho*, 1984; *Os vazios repletos*, 1993; *Moreira Campos, a escritura da ordem e da desordem*, 1993; *Janeiro da encarnação*, 1995; *O pescador do Tabocal*, 1997; *A literatura cearense e a cultura das antologias*, 1999; *O fio e a meada*, 2000; e *Janeiro é um mês que não sossega*, 2001. Participou de várias antologias.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 24 de março de 1998, ocasião em que foi saudado pelo acadêmico Linhares Filho. Ocupa a vaga deixada por Luis Sucupira, cadeira número 2, cujo patrono é Álvaro Martins. Faz parte das Academias Cearense da Língua Portuguesa, Fortalezaense de Letras e de Letras e Artes do Nordeste – secção do Ceará.

OUTONO

*O teu olhar de agora há pouco era um clarim
e de tua pele porejava rosa e carmim
tantas glórias e angústias atravessadas
sou teu deserto és minha túnica e oásis*

*Na manhã pura nós dois somos intento
tu és meu pai e eu sou teu invento
com esta América na garganta traspassada
e este rumor não sei se passos ou quimeras*

*Com esta sombra que nos parte em duas tardes
trago suspiros em sete bules cafunés
esta megera que nos fere o coração
sou quase o mar és toda onda e medusa*

*Quanto mais sóbrio acalento este soluço
vagas sudeste intemporal em minha bússola
meu pai trancou-se na pele escura da noite alada
e mamãe moureja em minha mente teu corpo envolto*

*Um sino uivoso à meia noite nos desperta
dando nome e nostalgia a esta hora
sou quase um traço que verbera em cada nota
desta pauta antiga onde te espreguiças música*

*Quando o enigma nos amarrar em nó
e sete homens nos transportarem ao pó
serei teu lago de profundidade e nado
serás mergulho desassossego e glória*

*Oh! Velha nau que nos suspende agora
há quanto tempo te construí aurora
sou calafrio em cada lua revolta
és porto firme no país do que pouco importa*

*Vem meu coração de asas pandas
cansado estou de te buscar na brisa
sou teu quixote a cavalgar mil sonhos
és meu moinho que a construção destrói*

A TARDE

*A tarde é um signo
escarlate
colheita de sangue
de pálidas estrelas
transparência de espantos*

*A tarde é um telhado
de segredos
pairando sobre a infância da noite
um papel em branco
de um livro feito prece
em que a solidão feneceu
num jardim de signos e apelos*

*A tarde é uma porta para o passado
um lampejo de encantos
no futuro da manhã
e nela misturo
infância, verbo e paixão*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELO AUTOR.